



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i2.24690>

COMO COMECEI (E CONTINUO) A APRENDER COM MARCUSCHI

BENEDITO GOMES BEZERRA (UPE/UNICAP)*

 <https://orcid.org/0000-0002-7382-0937>

RESUMO

Contextualização: estas mal traçadas linhas surgiram em decorrência do convite das organizadoras para elaborar um texto em homenagem a Luiz Antônio Marcuschi. *Objetivo:* ressaltar pontos que considero importantes na pessoa e na obra do homenageado, a partir da minha vivência com ele. *Metodologia:* não sei se o leitor ou a leitora encontrarão algum método aqui e sim variações em torno da vida e obra do Mestre. *Resultado:* depois desse exercício de re-cord-ação, ou de rebuscar no coração (*cor, cordis*) as boas impressões deixadas por Marcuschi, o resultado principal é que o admiro cada vez mais. *Conclusão:* reafirmo o lugar ímpar de Marcuschi nos estudos da linguagem e recomendo a estudantes e pesquisadores/as da área que se dediquem a conhecer sua obra.

Palavras-chave: Marcuschi, Mestre, muito obrigado!

ABSTRACT

HOW I STARTED (AND HOW I KEEP ON) LEARNING FROM MARCUSCHI

Context: These roughly drawn lines arose from the editors' invitation to write a text in honor of Luiz Antônio Marcuschi. *Purpose:* To highlight points I consider important in the person and work of the honoree, based on my experience with him. *Method:* I don't know if the reader will find a method here, but rather variations on the Professor's life and work. *Result:* After this exercise of re-cord-ação, or searching in my heart (*cor, cordis*) for the good impressions left by Marcuschi, the main result is that I admire him more and more. *Conclusion:* I reaffirm Marcuschi's unique place in language studies and recommend that students and researchers in the field dedicate themselves to learning about his work.

Keywords: Marcuschi, Professor, thank you so much!

* Doutor em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Docente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade de Pernambuco (UPE), *Campus* Mata Norte, e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Bolsista de Produtividade Facepe/CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7286734462024652>. E-mail: beneditobezerra@gmail.com.

Aquele homem me exercitou tonto, eh, ô, me fino fiz. Ânasia assim e anfa, e poder de entender demais, nunca achei quem outro. O que ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não. Ele era a inteligência! Vorava.

É no junto do que sabe bem, que a gente aprende o melhor... Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.

Guimarães Rosa

EU NÃO SABIA QUE CARREGAVA EM MIM TANTAS MEMÓRIAS

Quando comecei a rabiscar estas linhas, achei que diria bem menos. O exercício de falar de eventos que, em parte, aconteceram há mais de duas décadas, contudo, fez aflorar memórias surpreendentes e preciosas para mim. Neste texto, não faço uma exposição sistemática de um tema. Enfileiro lembranças. Recolho vivências como gotas. Claramente, memórias pessoais em torno da pessoa extraordinária de Luiz Antônio Marcuschi. Muitas homenagens a Marcuschi já foram feitas. Todas merecidas. Algumas feitas por pessoas muito mais próximas dele do que eu. Pessoas que o conheceram por mais tempo, que conviveram mais de perto com ele. Aqui ofereço minha própria versão, como seu aluno e talvez o último que teve o privilégio de se dizer seu orientando.

NO MEIO DA FRASE TINHA UM “AINDA”

Recentemente li um livro cujo capítulo inicial apresentava um tópico intitulado “o que (ainda) aprendemos com Marcuschi”. Necessário dizer que a abordagem do autor é elogiável em destacar aspectos da contribuição de Marcuschi para os estudos no campo

da Linguística Textual: suas reflexões sobre o texto, sobre a relação fala e escrita e sobre a leitura em hipertexto.

Mas esse “ainda”... Tinha duas possibilidades. Na primeira, me reconheço tranquilamente. Vinte e cinco anos depois de meu primeiro encontro com Marcuschi (e não apenas com seus textos), *ainda* aprendo com coisas que ele disse na ocasião. Continuo apreendendo, continuo me sentindo inspirado por sua forma única, inteligente e humana de enxergar os textos e as pessoas à frente, por dentro e por trás deles.

Mas li aquele “ainda” de outra forma. Talvez não fosse a intenção do autor, talvez ele não concordasse com a leitura que faço. Porém, é isso que ele diz: “é inevitável reconhecer a *atualidade* de suas propostas e a possibilidade de *ainda* aplicá-las nos estudos contemporâneos da linguagem”. É como se precisasse justificar a atualidade de Marcuschi. “Ah, me desculpem por *ainda* falar de Marcuschi.”

Fiquei pensando se alguém pediria desculpas ou tentaria justificar a pertinência de “ainda” falar de Saussure, Bakhtin, Benveniste, Mattoso Câmara... Não penso que, em se tratando de texto, ou de gênero, ou da escrita, ou da oralidade, a contribuição de Marcuschi possa ser considerada assim tão efêmera.

Fiquei pensando em como precisamos valorizar as raras ocasiões em que um pesquisador brasileiro efetivamente constrói um pensamento próprio, uma elaboração teórica autônoma, um diálogo crítico com a literatura internacional, e não se limita à mera aplicação de conhecimentos exógenos a pesquisas realizadas em nosso chão. Marcuschi fez isso como poucos. Foi um leitor crítico e inteligente, que jamais se limitou ao plano da adesão a este ou àquele pensador, a esta ou àquela teoria.

“UM TRABALHO DE FORMIGUINHA”: MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM MARCUSCHI

Findava-se o ano de 2001. Na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, eu cumpria o ritual de passagem que era a defesa de minha dissertação de mestrado em Linguística. E o examinador externo era ninguém mais, ninguém menos que Luiz Antônio Marcuschi. Acho que eu não tinha, até então, a dimensão da grandeza desse singular pesquisador pernambucano (embora) nascido gaúcho. Apenas via a reverência que lhe faziam, o respeito com que falavam dele os docentes do Programa e a minha própria orientadora.

Pois em certo momento da bendita defesa Marcuschi me elogiava referindo-se ao meu minucioso tratamento dos dados como “um trabalho de formiguinha”. E noutro criticava a abordagem do principal teórico que embasava minha pesquisa sobre o gênero resenha acadêmica. E ali se revelava a face cuidadosa e generosa de Marcuschi: fazia questão de assinalar que suas críticas não se dirigiam ao meu trabalho e sim à abordagem teórica de John Swales, que na época ele associava a certo formalismo de vertente sistêmico-funcional (Escola de Sydney). As distinções entre as diferentes abordagens dos estudos de gêneros textuais/discursivos não eram claras como hoje.

Corta para o desenvolvimento, iniciado no ano seguinte, de minha tese de doutoramento, sob a orientação dele, Luiz Antônio Marcuschi. Pois é, ele não apenas aceitou me orientar, mas também jamais se opôs a que eu mantivesse Swales como um nome central nos meus estudos dos gêneros acadêmicos. Nos anos seguintes, eu entenderia perfeitamente cada vez que ouvia alguém reafirmar a proverbial generosidade de

Marcuschi. Esse foi um traço inegavelmente saliente em sua personalidade e em suas atitudes profissionais.

Além disso, o pensamento de Marcuschi sempre esteve aberto a mudanças. Sua atitude confirmava a máxima de que “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”, como dizia Riobaldo, o jagunço filósofo de *Grande sertão: veredas* (Guimarães Rosa). Seus cursos e suas inesquecíveis aulas de pós-graduação nas quartas pela manhã eram sempre oportunidades para novas ideias, novas leituras e (re)definição de posicionamentos.

DA UFC PARA A UFPE E O QUE MARCUSCHI TEM A VER COM ISSO

A participação de Marcuschi em minha banca de mestrado foi também ocasião para o incentivo e o convite para o doutorado na UFPE. Marcuschi disse que teria prazer em me aceitar como orientando. Não sei mais se eu o escolhi ou se ele me escolheu. Só sei que o privilégio foi enorme e talvez por isso, passadas mais de duas décadas após o início do curso, até hoje gosto de me *amostrar* [alerta de pernambucquês] dizendo que fui orientando dele. Gosto de sentir o misto de admiração e inveja das pessoas quando falo isso.

Detalhe de minha chegada ao PPGL (à época, chamávamos de PG Letras) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): me surpreendia com algumas pessoas que pareciam já me conhecer quando falavam comigo. Desconfiei que Marcuschi teria algo a ver com isso. É fácil ver em seus trabalhos como ele era generoso em mencionar e divulgar as pesquisas de seus orientandos e de outros como eu, de cuja banca tinha participado.

Falando em me amostrar, vocês não têm ideia da minha perplexidade e felicidade

ao iniciar o doutorado e encontrar a minha dissertação listada na bibliografia do curso “Gêneros textuais: conceituação, constituição e circulação”, ministrado por Marcuschi no primeiro semestre de 2002. Era muita consideração a um neófito dos gêneros.

E teve mais: no material da segunda aula do curso, encontro o seguinte trecho, num item sobre “autores que desenvolvem análises de gêneros textuais” com base em teóricos como John Swales e outros: “No Brasil, temos vários trabalhos nesta linha. Citaria os textos de Desirée Motta-Roth, Bernadete Biasi-Rodrigues, **Benedito G. Bezerra**, José Luiz Meurer, Antônia Dilamar Araújo e outros. É o grupo mais numeroso no momento.” Sabia nem o que dizer.

NO DOUTORADO COM O MESTRE

Cursei poucas disciplinas no doutorado, uma vez que levava os créditos do mestrado recém-concluído. Creio que uma obrigatória e mais quatro, todas estas com Marcuschi, que eu não ia perder cada oportunidade de “ainda” aprender com o Mestre. Além do mais, fora da sala de aula ele estava sempre rodeado de gente, sempre demandado, requisitado, e eu não tinha jeito para ficar disputando espaço e atenção nesses momentos.

Então, creio que cursar as disciplinas foi também uma forma de ser orientado por Marcuschi. Não é que ele não estivesse sempre disponível para sessões de orientação devidamente agendadas. Mas eu não sentia necessidade de buscá-lo frequentemente para isso. Não tive mais que cinco ou seis encontros individuais de orientação com Marcuschi ao longo do doutorado. E me senti perfeitamente orientado. Nunca abandonado. Quando conversávamos, parecia que ele não tinha mais nenhum outro compro-

misso. Nunca mostrava pressa de concluir a sessão. Marcuschi sabia valorizar os seus.

GÊNEROS TEXTUAIS COM LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI

E houve as disciplinas. A primeira: “Gêneros textuais: conceituação, constituição e circulação”. Tinha como ser melhor? Esse curso, ministrado no primeiro semestre de 2002, supria uma lacuna do meu mestrado, em que, apesar de ter mergulhado relativamente fundo no oceano das teorias de gênero, não havia me beneficiado dos estudos de Marcuschi. Mal soube, em algum momento, do seu livro *Gêneros textuais: o que são e como se constituem* (2000), nunca publicado, mas sempre em circulação, em mais uma evidência de sua célebre generosidade. Eram outros tempos, outras formas não tão rápidas de acesso a fontes de pesquisa.

O que mais me impressionou nessa disciplina/curso: sala lotada, umas quarenta pessoas, talvez mais. Professores do Programa, colegas de Marcuschi (quando é que nós paramos para nos ouvir uns aos outros, colegas mais próximos, a não ser esporadicamente em eventos?). Estudantes de outros Programas. Nunca mais vi nada igual, não naquelas proporções.

E Marcuschi? Como eu descobriria nos semestres posteriores, suas aulas na pós aconteciam sempre na quarta-feira pela manhã, de nove ao meio-dia. Nessas três horas, Marcuschi falava quase o tempo inteiro. De fato, minha percepção era de que a turma não gostava de vê-lo sendo interrompido com frequência. Mas, claro, havia bons debates, devidamente acolhidos e estimulados. Não havia intervalos. O homem nem bebia água, a não ser quando alguém trazia para ele!

E o curso? Eram tempos de efervescência dos estudos de gênero. O tal *boom* de que fa-

lam Bawarshi e Reiff (2013), impulsionado pelos recém-publicados Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de língua portuguesa. O estudo dos gêneros não era novo no Ocidente, mas estava na moda (Marcuschi, 2008). Bom, para a maioria de nós, era muito novo, além de estar na moda.

PLANO E RESUMOS DAS AULAS

Para a disciplina de gêneros, Marcuschi enviou à turma, antes de cada aula, um total de oito arquivos. Um deles consistia em exemplos a serem explorados ao longo dos encontros. Em suas palavras: “Aqui estão alguns exemplos de textos autênticos de língua falada e escrita que deverão ser analisados oportunamente. Devem ser complementados com outros. Será conveniente levá-los a todas as aulas para uma provável análise em momentos diversos e com teorias diversas.”

O primeiro documento continha o “programa geral do curso”. Em sua proposta, o curso seria “de caráter sistemático e não histórico”. Adotava a concepção de gêneros textuais como eventos comunicativos e buscava identificar “aspectos relativos à sua conceituação, descrição, análise e classificação”. Porém, ressaltava a necessidade de mudar o foco da classificação e da tipologia “para a análise dos componentes social, histórico e cognitivo dos gêneros textuais”. Desnecessário dizer que *gêneros textuais* era a terminologia predominante na época, não apenas na obra de Marcuschi. E, como se vê, não implicava desprezar aspectos extralinguísticos. Um “detalhe”: no documento de doze páginas, dez eram de bibliografia.

Nos seis documentos restantes, Marcuschi oferecia o que chamava de “resumos” das leituras indicadas. Mas eram muito mais que isso. Por exemplo, em um dos primeiros textos fornecidos, depois de ensaiar, sob di-

versos critérios, uma série de classificações das diversas posições teóricas e respectivos autores e autoras, Marcuschi conclui com a identificação de “cinco grandes núcleos nos quais se distribuem os que trabalham com gêneros”: (i) analistas de gêneros, (ii) analistas críticos do discurso, (iii) funcionalistas e sociossistemicistas, (iv) socioconstrutivistas e psicopedagogos, e (v) cognitivistas e sociointeracionistas. Nesse último grupo, situava seu próprio nome.

A propósito de Swales e das ressalvas feitas a ele em minha banca de mestrado, vale dizer que Marcuschi elaborou para o curso um “resumo” inteiramente dedicado ao trabalho do criador da análise de movimentos e passos retóricos (*move analysis*). Uma detalhada discussão de seu livro *Genre analysis* (1990). São catorze páginas de apresentação do trabalho de Swales e mais sete de Vijay Bhatia, outro nome importante do que agora Marcuschi vai nomear como a “escola swalesiana de análise de gêneros”. Creio que essa atitude também diz muito do espírito livre e da mente aberta do pensador Luiz Antônio Marcuschi.

O material distribuído por Marcuschi para o acompanhamento da disciplina “Gêneros textuais: conceituação, constituição e circulação”, muito bem guardado em meus arquivos, totaliza 74 páginas em espaço simples. Um precioso “resumo” de 27484 palavras. Daria um livro. Nessas páginas, a voz do Mestre continua viva. Não são apenas resumos de textos, mas valiosas amostras de um pensamento único, de uma leitura crítica, dialogal, não assimilacionista, mas criativa.

UM MESTRE EM MUITAS FRENTES

No semestre seguinte (2002.2), Marcuschi estava de volta, agora com o curso “Fala e

escrita: usos e características”. E, claro, eu estava lá. Como sabemos, a relação fala – escrita foi um dos temas a que mais se dedicou o Mestre. Nesta disciplina, Marcuschi se propunha investigar “as relações entre fala e escrita à margem das dicotomias tradicionais, considerando F e E como dois modos complementares de uso da língua em condições específicas e distribuídos pelo contínuo dos gêneros textuais”. E, novamente, a apresentação do curso se fazia acompanhar de uma longa bibliografia de nove páginas.

O incansável Mestre estava de volta no primeiro semestre de 2003. A disciplina da vez: Linguística de Texto. Não entrarei em detalhes. Só digo que foi uma experiência única aprender sobre texto com Marcuschi. Sua compreensão de temas clássicos da Linguística Textual, assim como de temas emergentes, era incomparável e permanece atual. Em Linguística de Texto, Marcuschi falava e escrevia com a autoridade de quem foi um dos pioneiros nesse campo no Brasil. E teve lá mais oito documentos autorais, seus “resumos” distribuídos antecipadamente para as aulas.

Começa 2004. E Marcuschi vem com mais uma disciplina, sem se repetir: Semântica. Desta, destaco a visada estabelecida pelo professor. “Este Curso não pretende ser uma introdução geral nem histórica à semântica, mas uma abordagem de tópicos centrais no estudo da significação tal como feito hoje na Linguística. Não vou aqui me preocupar em definir a semântica para não correr o risco de uma redução do domínio de abrangência. E mesmo que o fizesse, dizendo que a semântica é o “estudo do significado”, estaria me remetendo à necessidade de definir o que é *significado*. Mas este seria o início de uma longa investigação para concluir que há muitos significados de *significado*. Mesmo assim, vale a pena insistir na ideia de que o

problema central com o qual a semântica se debate gira em torno de questões da significação, abrangendo o problema do sentido e da referência, sem que se deixe de lado problemas ligados a fenômenos cognitivos e pragmáticos em sentido amplo.” Alguém ousaria questionar a validade, a atualidade e a pertinência dessas ideias?

A QUESTÃO DO SUPORTE DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Nesses anos iniciais do novo milênio, as discussões sobre gêneros textuais fervilhavam na sala de aula com Marcuschi e, claro, fora dela também. Mas ali era um lugar privilegiado. Cedo deixamos de nos perguntar se alguma coisa era tipo textual ou gênero, a grande polêmica inicial. Mas nos perguntávamos o tempo todo, por exemplo, diante de um *outdoor*: é gênero ou suporte? Um cartaz no mural do corredor: gênero ou suporte? Ah, isso é fácil! Mas, numa conversa face a face, qual é o suporte? Quando leio um e-mail no computador, o suporte é a tela, o *software*, ou o quê? Esse era o teor dos debates, nos termos da época.

E eis que, um dia, Marcuschi me aparece com um alentado ensaio intitulado “A questão do suporte dos gêneros textuais” (2003). Nas 23 páginas em espaço simples e 11423 palavras, o ensaísta pretendia oferecer “uma pequena contribuição para a análise do suporte de gêneros textuais”, sob a tese de que todo gênero tem um suporte, “mas a distinção entre ambos nem sempre é simples e a identificação do suporte exige cuidado”. Naquele que talvez seja o mais ensaístico, o mais cauteloso dos seus textos, Marcuschi ressalta a necessidade de “definir categorias e considerar aspectos limítrofes na relação gênero-suporte”. Apresenta seu trabalho afirmando que ali “nada é conclusivo”; trata-

se, segundo o Mestre, de sugestões que convidam à discussão e “aconselham cautela”.

Duas décadas mais tarde, o trabalho de Marcuschi continua sendo a melhor, mais específica e mais detalhada referência que conheço sobre o tema. Porém, esse ensaio é especial para mim por outra razão, uma razão pessoal, mas que revela outra face do pesquisador e ser humano Luiz Antônio Marcuschi. Ele me pede que leia o texto ainda inédito e lhe dê sugestões e minha opinião sobre o trabalho. Achei aquilo de uma humildade tremenda. Honestamente, duvido que eu tenha dito algo que pudesse ajudar. Marcuschi estava muito à frente em suas reflexões.

O mais importante, talvez, é que eu estava lá e posso provar (risos). Pois Marcuschi deixou registrado o acontecimento. Em sua primeira nota de rodapé, o autor anotou o seguinte no texto: “Gostaria de agradecer as sugestões, observações e os comentários críticos de colegas e amigos, de modo particular, à Beth Marcuschi, ao **Benedito Bezerra**, à Cristina Teixeira, Isaltina Gomes e Marianne Cavalcante.” Colegas e amigos! Como se vê, Marcuschi foi efetivamente um pesquisador, um orientador e uma pessoa muito especial.

“UM PÉ NA UNIVERSIDADE”: UM DIA NA PELE DE MARCUSCHI

Certa vez, não me lembro em que ano, Marcuschi me pediu para substituí-lo numa aula da graduação em Letras. Honrado e feliz, mas também com temor e tremor, aceitei. O Mestre poderia ter me enviado o material e as devidas orientações por e-mail, mas preferiu me chamar para uma conversa em sua casa. A primeira das raríssimas visitas que fiz a Marcuschi em seu ambiente mais íntimo.

Entrei no escritório de Marcuschi como quem entra em um santuário. Admirava os

livros, o ambiente em que ele certamente produziu muito do que hoje lemos. Ali, ele passou às minhas mãos uma “apostila”, basicamente o material que comporia o então futuro *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (2008). Na aula, eu falaria sobre o suporte dos gêneros, incluindo a minha pesquisa em andamento. Minha tese, afinal, incluiria um capítulo sobre o livro como suporte de gêneros textuais, acompanhando suas transformações ao longo da história, da tabuinha de argila ao rolo de papiro ou de pergaminho, ao códice e ao atual livro impresso ou eletrônico.

Ainda por ocasião da visita, Marcuschi me mostrava, da varanda de seu apartamento no bairro de Casa Forte, Recife, a bela paisagem verde que se podia contemplar pelos lados do Rio Capibaribe. Atento ao movimento da cidade, o cidadão Marcuschi lamentava o surgimento de cada vez mais edifícios, verdadeiros paredões que iam obstruindo a paisagem e evidenciando a contínua transformação da cidade e a diminuição do verde por força da especulação imobiliária.

Em algum momento desse episódio de substituir o Mestre em uma aula, ele me disse que aquilo representava “um pé na Universidade”. Exagerado, talvez. Mas, àquela altura, eu tinha zero experiência de universidade. Atuara por muito pouco tempo na educação básica e, por um tempo mais estendido, na educação teológica, como professor de Bíblia, teologia e língua grega. Então, de fato, parece que foi minha primeira experiência (bastante tardia) como professor em uma sala de aula universitária.

DE QUANTAS VEZES “SUBSTITUÍ” MARCUSCHI

O futuro me reservaria o privilégio de seguir os passos do Mestre e de “substituí-lo” em

outras ocasiões importantes. Em 2007, me tornei professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE), que não dispunha, então, de pós-graduação em Letras. Em 2010, a convite de Angela Dionisio, minha amiga e grande parceira acadêmica de Marcuschi, voltei ao PG Letras (UFPE) como professor colaborador. Que disciplinas ministrei? Análise de Gêneros Textuais e Linguística de Texto. Disciplinas que eram a cara do Mestre. Mais uma vez, temor e tremor. E honra.

Ainda hoje, o primeiro *slide* de meu conteúdo sobre gênero, em aulas de pós-graduação, ostenta essa afirmação programática de Marcuschi: “De modo particular interessa entender como se caracterizam os gêneros textuais quanto a suas propriedades sociocognitivas e não no seu aspecto formal ou estrutural, embora esses aspectos não devam ser desleixados. Mais uma vez, trata-se de enfatizar propriedades funcionais deixando em segundo plano os aspectos formais.” E ainda há quem pense que, por utilizar a terminologia “gênero textual”, Marcuschi estaria minimizando ou desprezando questões extratextuais.

A partir de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (Unicap), novamente assumiria disciplinas que traziam as digitais do Mestre. Gênero, claro, mais uma vez. Sempre. E agora, Fala e Escrita, com uma ementa claramente inspirada nas pesquisas de Marcuschi e na disciplina homônima que cursei com ele na UFPE.

Do suporte que deu à implantação do Mestrado em Ciências da Linguagem da Unicap, ficaram anotações na versão original das ementas de disciplinas, como esta, dirigida ao colegiado da época: “Aqui vão alguns comentários sobre as disciplinas e algumas inserções. Todas as observações estão em vermelho [...]. Imagino que podem ser incorporadas. São algumas coisas em relação

especialmente à bibliografia que eu achei que poderia ser melhorada. Vai ver que tirei alguns livros e pus muitos outros. O restante do projeto está bem e não creio que necessite de mudanças.” O hoje consolidado e prestigiado Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) agradece a contribuição do Mestre.

CONTINUO APRENDENDO (E, ESPERO, ENSINANDO) COM MARCUSCHI

Em minhas aulas na graduação e na pós, o nome de Marcuschi e seus textos aparecem com frequência. Seguindo a lição de Nietzsche (“rio de todo mestre que não riu de si também”), às vezes rio de mim mesmo e brinco com as turmas ao constatar que dificilmente passo uma aula sem mencionar o nome de meu orientador. Gosto disso. Me faz lembrar da força da obra desse grande pesquisador. De como ele é inspiração e exemplo para mim. De como seus textos, suas falas e seu modo de ser fazem falta.

Outro dia, em uma recepção de novos alunos de Letras, os cerimonialistas (alunos veteranos) apresentavam os professores com humor, ressaltando características e modos de falar de cada um/a. Na descrição que fizeram de mim, duas palavras-chave foram destacadas por eles: gêneros e Marcuschi. Pensei: ah, que bom! Eles perceberam! Eles levarão consigo o nome e a obra de Marcuschi!

DE COMO A ACADEMIA PODERIA SE BENEFICIAR AINDA MAIS DE MARCUSCHI

Creio que o livro mais popular de Marcuschi seja um que ele de fato não finalizou para publicação: *Produção textual, análise de*

gêneros e compreensão (2008). Um sucesso, merecidamente. Lembrado por todos. É um livro-síntese de boa parte da obra de Marcuschi. Depois desta, destaco três outras obras fundamentais: *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (2001), *Linguística de texto: o que é e como se faz* (1983) e *Análise da conversação* (1986). Três trabalhos incontornáveis na discussão dos respectivos temas.

Existem livros-coletâneas que, sem demérito para os demais autores e autoras, eu penso que valem a pena pelo capítulo de Marcuschi ali disposto. Trabalhos memoráveis como “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” (2002), “Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação” ([2005] 2011), “Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital” (2005) e “Compreensão de texto: algumas reflexões” (2005), entre outros.

Mas é óbvio que Marcuschi escreveu muito mais. Muito do que ele produziu está disperso em artigos, inclusive de uma época em que os periódicos ainda não eram disponíveis online. Os destaques refletem, por óbvio, minhas preferências. Vejamos. No artigo “Perplexidades e perspectivas da linguística na virada do milênio” (2005), Marcuschi faz uma poderosa retrospectiva das principais linhas de estudos da linguagem no século XX, seguida de um conjunto de perspectivas programáticas para o século XXI, numa síntese que poucos linguistas poderiam (ou desejariam) arriscar. Um trabalho que tem sido muito útil para mim em aulas de introdução à linguística.

Me pergunto quantos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros conhecem o artigo “Heráclito e o hipertexto: o lógos do hipertexto e a harmonia do oculto” (2005), texto da conferência apresentada no I Encontro Nacional sobre Hipertexto (UFPE).

Por vezes, algum trabalho importante do Mestre tem sido resgatado, reeditado e posto à disposição dos leitores/as, como o excelente “O papel da linguística no ensino de línguas ([2000] 2016). Quase como regra, os artigos publicados por Marcuschi foram previamente apresentados como conferências nos inúmeros eventos de que participava como convidado.

E eu não poderia deixar de mencionar alguns livros lamentavelmente esgotados ou pouco conhecidos. Esses volumes cumprem o papel de reunir parte da produção acadêmica de Marcuschi em coletâneas autorais. Acredito que dois deles são relativamente conhecidos, uma vez que circularam por algum tempo. Mas a editora desapareceu e os volumes não foram reeditados. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas* (2007) e *Cognição, linguagem e práticas interacionais* (2007) são uma excelente amostra da diversidade de temas a que Marcuschi se dedicou nos estudos da linguagem.

Nesse segundo volume, meu preferido, sempre me impressiono com o capítulo intitulado “A construção do imobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização”. Um trabalho impressionante que une o sofisticado filósofo da linguagem ao pesquisador modesto que declara não fazer mais que “lançar algumas ideias aparentemente desconexas e ainda precárias”. Então tá! Na categoria “pouco conhecidos”, creio poder incluir o livro-homenagem *Luiz Antônio Marcuschi: seu percurso, seus textos* (2010). Nesse volume publicado por ocasião de um colóquio da ALED, destaco o texto “Análise do discurso: com quem anda e para onde vai?”.

E mais não digo, porque a produção científica de Marcuschi é vasta e falar dela apropriadamente demandaria mais tempo e es-

paço. Com esses destaques, enfatizo o óbvio: Marcuschi “ainda” fala e “ainda” podemos aprender muito com ele.

UMA ÁRIA PARA MARCUSCHI

Como é sabido, Marcuschi deixou a cena acadêmica cedo demais, por motivos de saúde. No início de sua conferência sobre Heráclito e o hipertexto, inclusive, o Mestre observa que “preparava um Curso de Filosofia da Linguagem programado para ser ministrado neste segundo semestre de 2005 - que por razões do destino não aconteceu”. O destino e suas razões nos privariam do convívio acadêmico com Marcuschi pouco tempo depois dessa conferência. Era o momento final da escrita de minha tese sob sua orientação. Em junho de 2006, eu a defenderia, agora sob o olhar cuidadoso de Angela Dionísio, mas sem contar com a presença física do Mestre.

Minha última visita a Marcuschi. Retornávamos de mais uma edição do SIGET, em Natal/RN, se não me engano. Tive o privilégio de me incluir em um grupo que desejava visitar Marcuschi. O grupo: Charles Bazerman, Carolyn Miller, Angela Dionísio, Judith Hoffnagel, Désirée Motta-Roth. Não sei se esqueço alguém. Bazerman cantou uma de suas árias, como costumava fazer ao fim dos eventos de que participou na UFPE. Cantou especificamente para Marcuschi, em um desses momentos singulares, afetivos, que a academia felizmente também é capaz de nos proporcionar. Um instante de alegria e emoção que uniu dois gigantes dos estudos da linguagem.

E descansa o Mestre. Combateu o bom combate, terminou o percurso desta vida (2Tm 4.7). Mas sua obra fala. Sua voz continua viva. Sua contribuição científica se mantém entre as mais destacadas na linguística brasileira. Muito obrigado, Mestre!

REFERÊNCIAS

BAWARSHI, A.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: o que são e como se constituem. Recife: UFPE, 2000. Inédito.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (org.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 46-59.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, Linguística e Literatura**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.

MARCUSCHI, L. A. **Heráclito e o hipertexto**: o lógos do hipertexto e a harmonia do oculto. Conferência apresentada no I Encontro Nacional sobre Hipertexto, Recife, UFPE, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Perplexidades e perspectivas da linguística na virada do milênio. **DLCV: Língua, Linguística e Literatura**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 11-36, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos da linguagem**: reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise**

de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Luiz Antônio Marcuschi:** seu percurso, seus textos: uma homenagem. Recife: PPGL/UFPE, 2010. [Organização de Beth Marcuschi e Marígia Aguiar]

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In:* KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. 4. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto:** o que é e como se faz. São Paulo: Parábola Editorial, [1983] 2012.

MARCUSCHI, L. A. O papel da linguística no ensino de línguas. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.12-31, jul.-dez. 2016 [2000].

SWALES, J. M. **Genre analysis:** English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Recebido em: 19/07/2025
Aprovado em: 25/10/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.